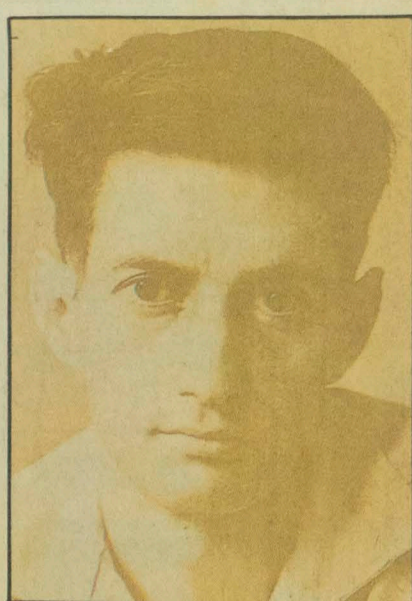


Divulgação

Um exemplar da "Fase negra" de Ivan Serpa (abaixo): a face mais conhecida do artista, feita no turbulento ano de 1964



# Um sopro no coração da arte apaixonada

MÂNIA MILLEN

Pioneiro do abstracionismo geométrico no Brasil, mestre de gerações de artistas, ícone do movimento concretista ou um visionário em seu ofício? Ivan Serpa, genial artista morto em 1973, aos 50 anos, de sopro no coração, somou estas e outras definições durante seu relativamente curto — porém intenso — período de produção artística. Apesar disso, sua obra permanece desconhecida para grande parte do público. Nesta terça-feira, o Centro Cultural Banco do Brasil enriquece o cabedal de muitos e reativa a memória de outros inaugurando a "Retrospectiva Ivan Serpa — 1947—1973", com 163 trabalhos entre desenhos, serigrafias, pinturas e intervenções sobre impressos.

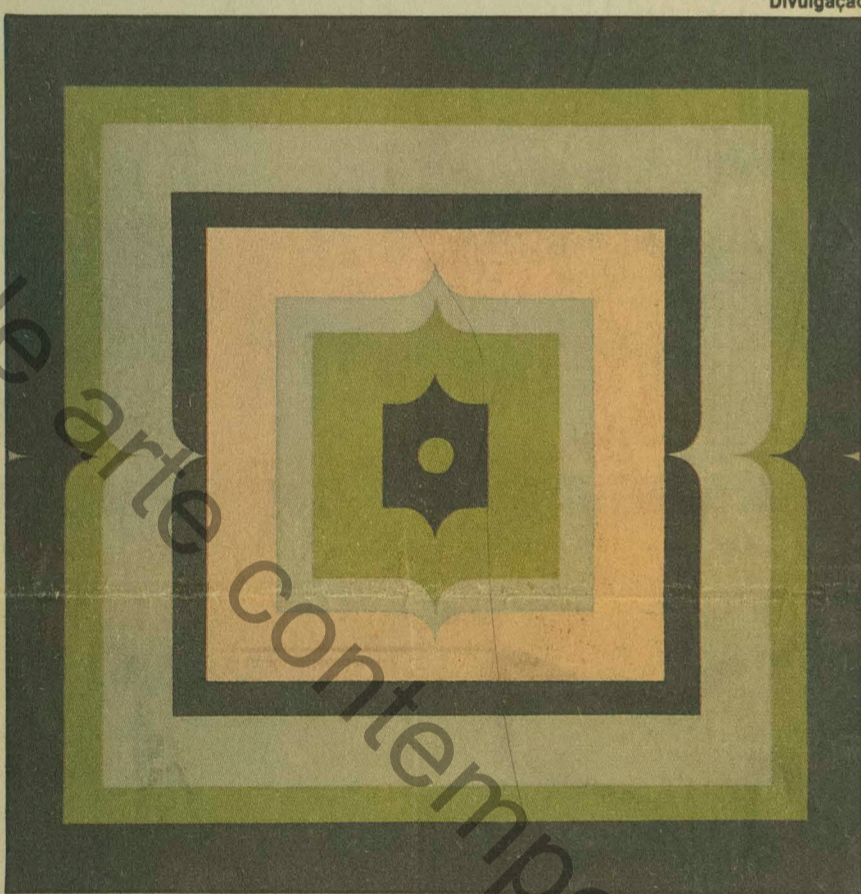
A mostra, organizada por Fábio Settimi e Martha Spolador, teve curadoria de Reynaldo Roels Jr., que procurou abranger todas as fases e correntes pelas quais o plural artista navegou. Complementa a exposição um alentado catálogo de cem páginas e 70 reproduções coloridas, com programação visual de WALTER CALDAS e texto do próprio Reynaldo.

Ivan Serpa só é realmente visível em sua obra. Nós fizemos uma opção por uma leitura, que obviamente não é a única — reconhece o curador.

Além de exímio e rigoroso professor — "ele em boa parte era a alma dos cursos do MAM (Museu de Arte Moderna), onde lecionou até morrer", segundo Reynaldo — Serpa participou como figura de proa do momento mais importante da arte brasileira contemporânea, no início dos anos 50.

Ivan Serpa no Rio e Waldeimar Cordeiro em São Paulo, com o abstracionismo geométrico de sua arte e seus grupos de criação, provocaram o total desmantelamento da tradição acadêmica figurativa em vigor — afirma o curador.

No entanto, Serpa era um ar-



Divulgação

Óleo sobre tela que integra a colorida série "Mangueira", datada de 1970

**Ivan Serpa foi fiel ao mesmo projeto durante toda a vida**

Reynaldo Roels Jr.

tista plural e recusou-se a permanecer preso à ortodoxia imposta pela vertente paulista do movimento concretista que ajudara a erguer.

Do concretismo ao neoconcretismo, que apoiou em 1959, e daí a algumas fases como a expressionista "Fase negra" — que durou poucos meses no ano de 1964 mas tornou-se a mais conhecida pela sua dramaticidade — Serpa fez um pouco de tudo.

— A despeito de ele ser acusa-

do de pular de um estilo para o outro, tentei mostrar nesta exposição o seu projeto artístico e o comprometimento de sua arte com a sociedade à sua volta. Ivan Serpa foi fiel ao mesmo projeto durante toda a sua vida — atesta o curador.

O crítico Frederico Moraes vai além ao comentar a face camaleônica de Ivan Serpa.

Depois de cumprido seu papel histórico, ele se deu ao luxo de fazer outras coisas. Na verdade, ele antecipou o caráter pluralista da arte contemporânea. Hoje, nenhum artista se liga a uma única corrente.

Para Márcio Doctors, também crítico de arte, o encantamento de Ivan Serpa reside na ousadia:

Essa ousadia era fruto de sua solidão. Ele nunca teve medo de mudar e era capaz de ir de um ponto ao outro com a mesma precisão. Não errava nunca.

## Ivan Serpa, o amigo incendiado

LYGIA PAPE

Era sempre aos domingos. Íamos chegando, aos poucos. Ao Méier. Lá estava Ivan Serpa e seus "ripólin", a tinta que assumira com seu nome uma fase amada, rigorosa e construtiva dos longos triângulos afinados, inesperados e sonoros. A temporalidade da cor matizando as formas finas, agudas, que tocavam as margens como mergulhando no espaço lá de fora.

Conheci Ivan em casa de Mário Pedrosa, lugar mágico, único, de queridas lembranças de todos nós, onde ouvia-o contar de antigas viagens do grupo liderado por Almir Mavignier com Abraham Palatnik e o próprio Mário Pedrosa ao Engenho de Dentro. Mais precisamente aos domínios da dra. Nise da Silveira, onde encontravam Rafael, Emigdio, o poderoso pintor dos jardins do pátio, ou Carlos e seus espaços siderais que,

em lições anônimas, mostravam ao estupefato grupo as maravilhas da invenção, emergindo do silêncio da esquizofrenia.

Os encontros em casa de Ivan, a abertura do Museu de Arte Moderna, deram início a algo mais consistente: o Grupo Frente, com sede no prédio do Bola Preta, na Cinelândia: longas discussões sobre arte e muito trabalho de grupo eclético com João José da Costa, Aluísio Carvão, Franz Weissmann, Lygia Clark, Abraham Palatnik, os irmãos Oiticica — Helio e César — Val, Elisa, a doce Elisa de Silveira, entre outros.

Seu olho brilhante de pura paixão levava todos a uma atmosfera de seriedade, rodeado de livros que abria sófrego, como se estivesse prestes a interromper sua faina, a mão sempre com um lápis ou pincel a traçar linhas, quadrados, numa atividade simples e de precisão, acompanhando qualquer bate-papo, por mais simples e a nossos olhos surgindo maravilhas de gênio.

A saúde delicada não impedia de levá-lo a viagens fantásticas no território que escolhera para viver — o da arte. Caminhamos muitas vezes juntos, por épocas que nosso interesse elegia como supremas: a de Piero de la Francesca, Giotto e outros. Então Ivan me convidava a mergulhar em suas "arcas" coloniais. Porta aberta, o pulo no vácuo de peças. "Anobianas", espelhos clivando o espaço e mil pedaços em vóos delirantes de percepções novas.

Uma outra vez compramos juntos uma Anita Malfatti: flores em um vaso. Contemplamos o quadro durante longo período, ícone da modernidade no Brasil.

Exigente, lúcido, tinha consciência de seu lugar na história. A busca incessante de uma poética própria permitiu-lhe um percurso rico e aventureiro por entre experimentos e invenções: a razão de viver de meu amigo Ivan — o incendiado.

Lygia Pape é artista plástica